

GAZETA DO POVO

A vida e obra de

Bento

XVI

1927 — 2022



Em 31 de dezembro de 2022, a Igreja Católica e o mundo perderam o papa emérito Bento XVI. Descrevê-lo apenas como “o papa que renunciou”, ou fazer desta renúncia o ato definidor do seu pontificado, seria uma simplificação exagerada, como afirmou a Gazeta do Povo no editorial publicado no dia de seu falecimento; trata-se de um papa que, apesar do pontificado relativamente curto, de quase oito anos, deixou uma marca profunda na teologia católica. É certamente um dos maiores teólogos das últimas décadas, e também um dos grandes intelectuais de nossos tempos.

*Neste e-book, a Gazeta do Povo quer apresentar ao leitor um panorama da vida e da obra de Bento XVI. Reunimos, além do obituário publicado no **dia 31**, uma série de reportagens e artigos originalmente publicados em **28 de fevereiro de 2013**, em um caderno especial que marcou o último dia do pontificado de Bento XVI. Esperamos que esses textos ofereçam ao leitor uma compreensão abrangente, ainda que longe de completa, do legado deste que é uma das grandes personalidades do fim do século 20 e deste século 21.*

Marcio Antonio Campos

Editor de Opinião da Gazeta do Povo e editor do caderno especial sobre Bento XVI publicado em 2013

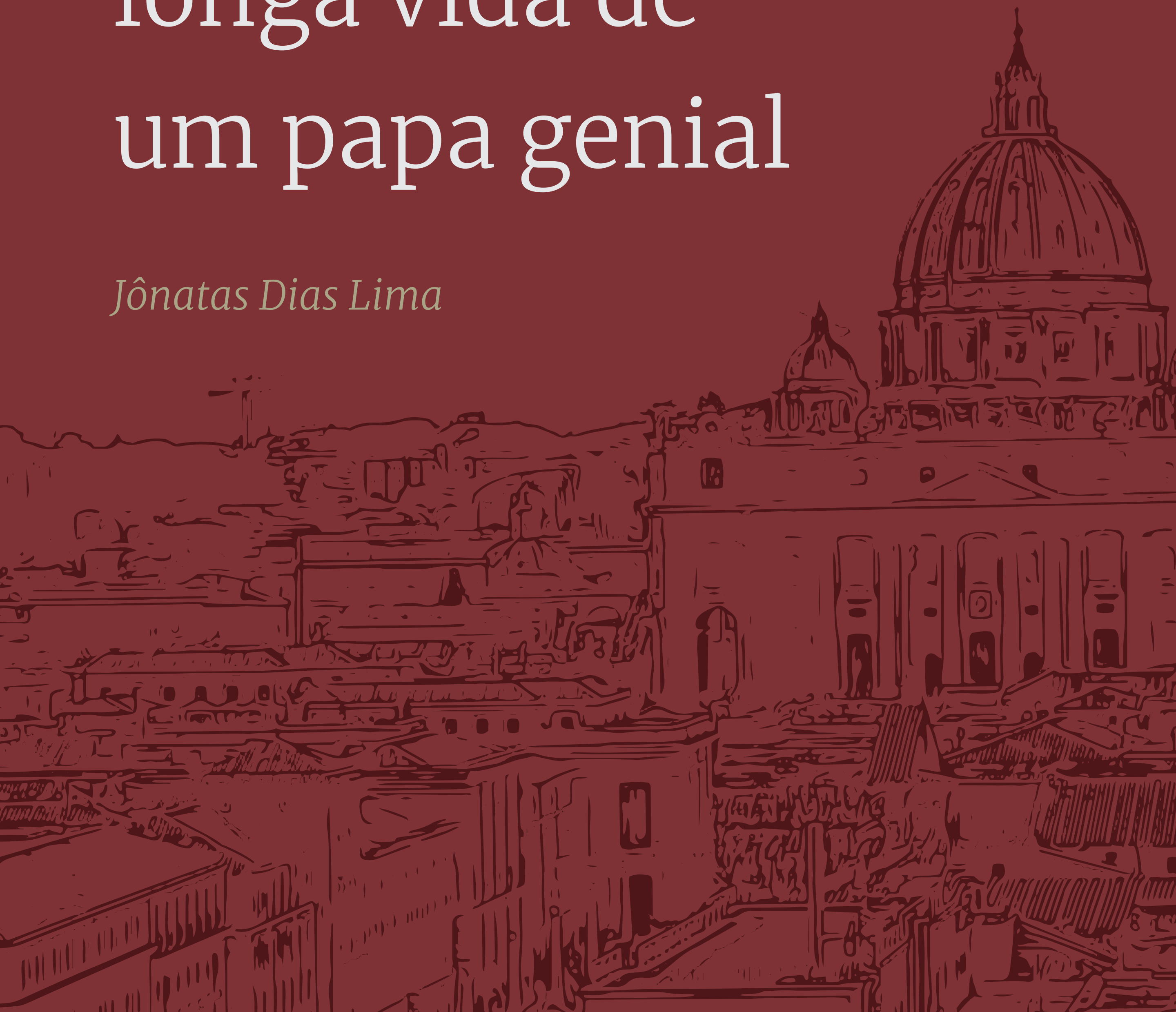
Sumário

- Bento XVI: a longa vida de um papa genial.....4
- O papa professor 28
- Uma bibliografia extensa e variada35
- Nas encíclicas, o abandono do egoísmo 42
- Relativismo, o inimigo sutil 46
- O legado litúrgico do papa Bento 54
- Um dilema, duas respostas 58
- O insuportável humanismo de Bento XVI 63
- Transpassados pela Beleza 69

OBITUÁRIO

Bento XVI: a longa vida de um papa genial

Jônatas Dias Lima



De alguma forma, o papa João Paulo II parecia saber o destino do homem que por 24 anos foi seu braço direito e a mente brilhante que o ajudou a erguer um dos pontificados mais marcantes na história da Igreja Católica. A transformação do cardeal Joseph Ratzinger no papa Bento XVI está ligada de forma indelével ao papel que desempenhou junto ao seu santo antecessor na condição de prefeito para a Congregação da Doutrina da Fé e conselheiro pessoal. Por três vezes o fiel cardeal pediu oficialmente para se aposentar, ouvindo um fraterno “não” do pontífice polonês em todas as tentativas. Foi assim, sendo mantido na ativa meio que a contragosto, para além do que se costumava permitir, que Ratzinger entrou na fase mais importante de sua vida aos 78 anos, herdando um trono que ele conhecia bem e por isso mesmo nunca desejou.

No último 31 de dezembro, o mundo se despediu do papa mais longevo de todos os tempos, embora seu pontificado tenha durado pouco menos de oito anos. Aos 95, enfim Bento XVI completou a cor-

[voltar ao índice](#)

rida, tendo “guardado a fé” (II Tim 4,7) como poucos fizeram com tamanha maestria antes dele.

Selecionar os fatos mais marcantes de uma vida tão extensa e repleta de realizações é um desafio assustador, mas ao menos podemos nos inspirar no exemplo do próprio Ratzinger que, não sem temor, encarou e cumpriu a tarefa de prosseguir e aprofundar o trabalho de um gigante.

O 265º papa da Igreja Católica nasceu na pequena cidade bávara de Marktl am Inn, em 1927, num Sábado de Aleluia, sendo batizado no mesmo dia. Com um pai policial, ele passa os primeiros dez anos de sua vida viajando muito e a família acaba adotando como lar a cidade de Traunstein, próximo da fronteira com a Áustria. É ali onde ele passa a maior parte de sua infância e adolescência, sempre acompanhado de seus irmãos mais velhos, Maria e Georg. Ambos se fizeram muito presentes na vida de Ratzinger mesmo após sua mudança para Roma.

Chega a década de 1940 numa Europa em ebulição, assombrada com as ameaças de uma nova

[voltar ao índice](#)

guerra e sua Alemanha ocupa o centro das tensões, graças ao regime totalitário imposto pelo novo führer. Contudo, a educação e a fé transmitidas por sua família preparam Joseph para as dificuldades que viriam em seguida. Em seu livro de memórias, Ratzinger conta que viu os nazistas açoitarem o pároco da capela que frequentava antes de começar a celebração da missa. Pouco tempo depois, seguindo a sina de todo garoto alemão daquele período, foi obrigado a participar de atividades da Juventude Hitlerista.

O horror de um novo conflito mundial se concretiza, bem como o derramamento de sangue que todos sabiam que ocorreria. Em 1945, nos últimos meses da Segunda Guerra, o regime que o jovem Joseph detestava começa a fraquejar e impõe que estudantes internos devem trabalhar para mantê-lo. “Assim, o pequeno grupo de seminaristas da minha classe — nascidos em 1926 e 1927 — foi convocado para a Flak, em Munique”. Flak era o nome dado às baterias de defesa antiaéreas dos nazistas. Sobre esse período, sua autobiografia não diz muito, mas revela que foram dias amargos:

[voltar ao índice](#)

“não preciso contar detalhadamente os muitos aborrecimentos que o tempo na Flak trouxe consigo, especialmente para uma pessoa tão pouco militar como eu”.

De fato, sua verdadeira luta, aquela na qual investiria todos os seus esforços e potências, viria décadas depois, servindo ao verdadeiro Senhor, não a um tirano. Ratzinger acaba por desertar e volta para casa. Mais tarde é preso por soldados norte-americanos e solto com o fim da guerra.

Com o pesadelo nazista chegando ao fim, surge a possibilidade de retomar o caminho rumo ao sacerdócio, sendo ordenado em 29 de junho de 1951, aos 24 anos. Seguindo uma vocação irresistível ao ensino, começa a lecionar já no ano seguinte, assumindo como professor na Escola Superior de Freising. Dois anos depois, torna-se doutor em teologia, com uma tese focada na obra de Santo Agostinho. Posteriormente, só em doutorados honoris causa viriam outros dez.

[voltar ao índice](#)

A partir desse ponto, sua vida acadêmica não parou mais, tendo produzido novos escritos inclusive após se tornar papa emérito. Como professor de teologia passou por universidades em Bonn, Münster e Tubinga, onde se tornou catedrático de Dogmática e História do Dogma na Universidade de Ratisbona, da qual também foi vice-reitor.

Estamos na década de 60, quando o papa João XXIII convoca o Concílio Vaticano II, um importante evento que reuniu bispos de todo o mundo e cuja última edição havia ocorrido há quase um século. O encontro que teve consequências tremendas para a Igreja das próximas décadas foi assistido de perto pelo padre Ratzinger que foi escolhido para atuar como perito, ao lado do cardeal Joseph Frings, arcebispo de Colônia. Depois, o destaque obtido o leva a desempenhar cargos importantes na Conferência Episcopal Alemã e na Comissão Teológica Internacional.

Em 1977, o papa que encerra o concílio, Paulo VI, nomeia o prodigioso sacerdote como arcebispo de Munique e Freising, num salto de etapas pouco co-

[voltar ao índice](#)

mum, já que para arquidioceses importantes o padrão era o de se nomear bispos ou bispos auxiliares, mas não padres. A ascensão na hierarquia ganharia um grau a mais no mesmo ano, quando o pontífice lhe concede o barrete escarlate. Foi quando o alemão recebeu o primeiro título pelo qual ficará conhecido em todo o mundo, atraindo amigos e inimigos: cardeal Ratzinger.

João Paulo II

A providência quis que já no ano seguinte à sua chegada ao cardinalato, Ratzinger fosse convocado a colocar em prática o mais precioso dos atributos da função, o de votar no conclave que escolheria o novo papa. Em agosto de 1978 acompanha a eleição do cardeal italiano Albino Luciani, que assumiria o nome pontifício de João Paulo. Passados 33 dias, uma surpresa trágica abala a Igreja e de forma muito particular aos cardeais que participaram daquele conclave. O papa morre de embolia pulmonar, deixando a sede vacante pela se-

[voltar ao índice](#)

gunda vez no mesmo ano, o que exige dos cardeais uma nova eleição.

No mês de outubro, a maioria dos votantes opta dessa vez por um não italiano, o primeiro em 455 anos, cuja relativa juventude também chamou a atenção dos observadores. Aos 54 anos, Karol Wojtyła, o cardeal arcebispo de Cracóvia, na Polônia, se tornava o papa João Paulo II. Poucos anos depois, a vida do cardeal Ratzinger seria profundamente modificada pelas escolhas do novo sucessor de Pedro.

Em 1980, a inteligência e a cordialidade de Ratzinger se sobressaem novamente durante o sínodo dos bispos que discutiu o tema “A missão da família cristã no mundo contemporâneo”, evento no qual ocupou o papel de relator. Um ano depois, o papa polonês o nomeia prefeito da Congregação para Doutrina da Fé, tornando-o a máxima autoridade abaixo do papa no que diz respeito ao ensino da Igreja nas questões de fé e moral. Posteriormente, biógrafos de João Paulo II relatarão que ele raramente fazia algum discurso ou publicaria

[voltar ao índice](#)

qualquer texto sem que o mesmo não tivesse sido revisado por Ratzinger.

A lealdade do cardeal alemão ao papa e o zelo pela correta doutrina eram tão notórias que seus críticos logo o apelidariam de Rottweiller de Deus, o que remetia muito mais à sua origem germânica e ao seu dever de guardião da fé do que ao seu temperamento pacato. Os ataques à ortodoxia defendida por Ratzinger cresceram sobremaneira após 1984, quando foi publicada com sua assinatura a instrução *Libertatis nuntius*, na qual são formalmente condenados alguns aspectos da Teologia da Libertação, corrente teológica popular na América Latina e que interpretava a fé cristã a partir da visão marxista, frequentemente substituindo pontos cruciais da doutrina católica por conceitos mais úteis ao pensamento revolucionário.

Expor e criticar a instrumentalização da Igreja por uma ideologia foi um ato corajoso que lhe custou caro. Muito das narrativas difamatórias usadas contra Bento XVI após sua eleição como papa eram, na verdade, versões recicladas dos insultos emi-

[voltar ao índice](#)

tidos por teólogos da década de 80 diretamente afetados pelo documento e que nunca superaram seu rancor.

Catecismo

Relevantes analistas católicos apontam hoje que, ao menos em parte, o avanço da Teologia da Libertação podia ser explicado pela confusão instaurada na Igreja após o Concílio Vaticano II e a reforma litúrgica que veio em seguida. Os mais tradicionalistas não hesitam em depositar a culpa no concílio em si, enquanto outros — Ratzinger entre eles — apontavam para as interpretações enviesadas dos documentos pastorais emitidos naquela ocasião. Faltava clareza quanto ao que de fato a Igreja dizia sobre uma extensa lista de questões e nesse quesito — clareza — Ratzinger sempre foi um especialista. Foi então que João Paulo II confiou a ele a presidência da comissão encarregada de produzir um novo catecismo para a Igreja, uma espécie de compêndio que explicasse de forma di-

[voltar ao índice](#)

dática em que consiste a fé católica, fazendo uso de linguagem acessível ao homem contemporâneo, mas fiel à Tradição de 2 mil anos.

A tarefa consumiu boa parte do tempo e energia do cardeal entre os anos de 1986 e 1992, quando o resultado do intenso trabalho foi enfim publicado. Em pouco tempo, o Catecismo da Igreja Católica escrito por Ratzinger e seus colaboradores se tornaria o manual de cabeceira de todo católico que buscasse crer e viver conforme ensina a Igreja fundada por Cristo e governada pelos sucessores dos apóstolos. O texto foi traduzido para inúmeros idiomas e posteriormente ganhou novas versões, algumas mais resumidas, na forma de perguntas e respostas, outras, adaptadas para jovens e crianças. Para muitos, o Catecismo da Igreja Católica é seu maior e mais duradouro legado espiritual.

[voltar ao índice](#)

A despedida do amigo

A chegada do novo milênio trouxe para Ratzinger a esperança de que sua missão estivesse perto de ser concluída e, quem sabe, logo poderia enfim dedicar-se a uma vida mais contemplativa, ou voltar à vida acadêmica que amava, o que lhe permitiria escrever os livros que havia planejado há muito tempo, mas jamais conseguira graças à agenda intensa do papa e as consequentes tarefas que caíam sobre sua mesa. No entanto, como sabemos, o desenrolar da história não foi bem assim.

Em 2002, um João Paulo II já bastante debilitado pelo Parkinson aprova a eleição de Ratzinger como decano do colégio cardinalício, posição que lhe permitiria exercer uma série de funções importantes após a morte do pontífice, fato que ocorreria três anos mais tarde, em 2 abril de 2005. No dia 8, numa Praça de São Pedro completamente lotada, incluindo a presença de chefes de estado de todo o mundo, é o próprio Ratzinger quem celebra o funeral do papa e amigo que mudou sua vida.

[voltar ao índice](#)

Poucos dias depois, o cargo de decano do colégio cardinalício impunha também sobre ele o dever de presidir a missa de abertura do conclave que definiria o sucessor de João Paulo II. Na homilia, uma mensagem forte para o escolhido, seja lá quem fosse, sobre as nefastas consequências do relativismo, tema que se fazia presente por todo o seu pontificado.

A eleição

Quando as portas da Capela Sistina se fecharam, as listas de *papabile* fervilhavam na imprensa e nas casas de apostas. O nome de Ratzinger não constava em muitas delas, principalmente por causa dos seus 78 anos de idade. Outros, ainda mais equivocados, achavam impossível que os cardeais escolhessem alguém que, de certa forma, seria considerado mais conservador do que o próprio João Paulo II.

[voltar ao índice](#)

A torcida contrária não surtiu efeito e no dia 19 de abril de 2005, logo após a subida da fumaça branca que anuncia eleição de um novo papa, a figura que surge na sacada do Palácio Apostólico é a do cardeal Ratzinger, ou melhor, Bento XVI, o nome que assume fazendo referência, principalmente, ao padroeiro da Europa, São Bento de Núrsia, pai da tradição monástica no Ocidente.

Assim, o intelectual discreto, dotado de uma mente potente, mas comedido e até tímido nos gestos, teria de se acostumar com o clamor das multidões que criavam enormes expectativas a cada aparição do pontífice, em muito, graças às duas décadas de cativantes performances de João Paulo II, um líder nato, agraciado com personalidade magnética e muito carisma, qualidades às quais Bento XVI sabia bem que não possuía e que eram inimitáveis.

Ciente do quanto seu velho amigo transformou a figura do que vem a ser um papa, Bento assumiu tentando dar continuidade à forma de pastoreio iniciada pelo polonês: muitas viagens, uso intenso

[voltar ao índice](#)

da mídia e eventos de massa. É claro que adaptações foram necessárias, afinal, Wojtyła inventou aquela rotina aos 54, mas Bento também foi favorecido pela sorte — ou pela providência? — já que herdou como primeiro megaevento agendado a Jornada Mundial da Juventude em Colônia, Alemanha, sua terra. O encontro reuniu 1,5 milhão de jovens católicos provenientes do mundo todo para celebrar a memória do amado João Paulo II e conhecer o novo líder que logo teria o nome musicado entre palmas e tambores, exatamente como faziam com JP2, o acrônimo predileto com o qual se referiam ao antigo pontífice.

No natal daquele mesmo ano, 2005, seria publicada sua primeira encíclica, *Deus caritas est*, uma reflexão profunda sobre o amor. A próxima foi dedicada a outra virtude teologal, *Spe Salvi*, de 2007, sobre a esperança cristã. Na terceira, publicada em 2009, Bento XVI deixa sua contribuição à doutrina social da Igreja. Intitulada *Caritas in veritate*, o texto faz uma análise da economia contemporânea, critica a divisão crescente entre ricos e pobres e chega

[voltar ao índice](#)

a pedir uma verdadeira “autoridade política mundial” que seja preocupada com o bem comum.

Também em 2009 ocorre um de seus gestos mais determinantes na busca por ovelhas desgarradas. O papa retira a excomunhão de quatro bispos ordenados ilicitamente por Marcel Lefebvre, 1988, um arcebispo francês que liderou uma revolta contra as reformas instauradas após o Concílio Vaticano II, especialmente no campo litúrgico. O objetivo era o de facilitar a reconciliação com o grupo fundado por ele, a Fraternidade Sacerdotal São Pio X, mas também não deixava de ser um reflexo da preocupação que o então cardeal Ratzinger demonstrou em vários escritos com a decadência na liturgia católica, a falta de zelo pelo sagrado e o quanto isso afetava até mesmo a fé eucarística, central na vida da Igreja. Essa tentativa de reaproximação foi preparada dois anos antes, sobretudo com o motu proprio *Summorum Pontificum*, um documento que autorizou o clero de todo o mundo a celebrar, de forma extraordinária, a missa em latim conforme o missal anterior à reforma litúrgica

[voltar ao índice](#)

realizada na década de 60, uma demanda preciosa para as comunidades tradicionalistas.

Viagens

Durante seu pontificado Bento XVI fez 25 viagens apostólicas, aquelas feitas para outros países, fora da Itália. Dessas, destaca-se a visita ao Brasil, 2007, para acompanhar a 5ª Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, ocorrida em Aparecida. Antes de se reunir com os bispos, ele vai à São Paulo, reúne-se com jovens no estádio do Pacaembu e canoniza Frei Galvão, o primeiro santo nascido no Brasil.

Em 2009, cumprindo o que passou a ser visto como obrigatório para todo papa, vai à Jerusalém rezar na igreja do Santo Sepulcro. Em 2012, para renovar a delicada ponte construída por seu antecessor, visita Cuba e se encontra com o ditador Fidel Castro. Na mesma viagem vai ao México, ocasião na qual sofre uma queda, fato posteriormente ci-

[voltar ao índice](#)

tado pelo próprio Bento XVI como determinante para a decisão que tomaria no ano seguinte e que surpreenderia o mundo.

Renúncia

Em 11 de fevereiro de 2013, numa reunião com cardeais, Bento XVI lê a carta de renúncia que havia preparado há meses, afirmando que a partir de 28 de fevereiro daquele ano, a sede de São Pedro ficaria vaga e que deveria ser convocado um novo conclave para a eleição do próximo Sumo Pontífice.

No texto, Bento XVI diz:

“Após ter examinado perante Deus reiteradamente minha consciência, cheguei à certeza de que, pela idade avançada, já não tenho forças para exercer adequadamente o ministério petrino. Sou muito consciente que este ministério, por

sua natureza espiritual, deve ser realizado não unicamente com obras e palavras, mas também e em não menor grau sofrendo e rezando.

No entanto, no mundo de hoje, sujeito a rápidas transformações e sacudido por questões de grande relevo para a vida da fé, para conduzir a barca de São Pedro e anunciar o Evangelho, é necessário também o vigor tanto do corpo como do espírito, vigor que, nos últimos meses, diminuiu em mim de tal forma que eis de reconhecer minha incapacidade para exercer bem o ministério que me foi encomendado.

Por isso, sendo muito consciente da seriedade deste ato, com plena liberdade, declaro que renuncio ao Ministério de Bispo de Roma, sucessor de São Pedro, que me foi confiado por meio dos Cardeais em 19 de abril de 2005 (...)”.

[voltar ao índice](#)

Como não podia deixar de ser, o anúncio provocou enorme perturbação na Igreja em todo o mundo e, claro, especulações. Para todos, era bastante compreensível que aos 85 anos manter uma agenda de compromissos como a que um papa tem era bem difícil, portanto, a justificativa seria plausível. O problema estava no ineditismo do ato. Embora houvesse outros casos na história de papas que renunciaram, eles ocorreram séculos atrás e nenhum deles o fez em tempos de paz, de forma completamente livre, como Bento decidiu fazer. Em todos os casos sempre houve o contexto de guerras, deposições, sequestros, enfim, situações trágicas não tão incomuns para governantes da Idade Média.

Dessa vez não era o caso. Bento XVI simplesmente concluiu que não desempenhava mais tão bem suas funções e escolheu abrir mão de um poder único no mundo, de forma totalmente livre, conforme enfatizou tanto na carta de renúncia quanto em entrevistas posteriores, como a que concedeu ao jornalista Peter Seewald, no livro *O Último Testamento*, publicado em 2017. Para quem não dispõe de uma vida espiritual que dê sentido a tamanho

[voltar ao índice](#)

desprendimento, o ato parecia incompreensível, até suspeito. Grupos anticlericais sedentos por ferir a credibilidade da Igreja apontavam para os casos de abusos de menores por padres ocorridos em décadas passadas e relatados sobretudo na Europa e Estados Unidos. Para vinculá-los ao pontífice alemão era preciso omitir todas as estruturas eclesiais e procedimentos criados pelo próprio Bento XVI para que crimes horrendos como aqueles não voltassem a ocorrer, incluindo maior punição para culpados e estipulando regras mais rígidas na seleção de candidatos ao sacerdócio.

Por outro lado, a renúncia também provocou reação nas alas mais tradicionalistas da Igreja que variavam entre considerar o ato um erro grave ou uma completa impossibilidade teológica. De fato, mesmo após a eleição do cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio como o sucessor de Bento XVI, houve quem nunca o tenha reconhecido, pois, para eles, supostamente, só poderia haver um papa e este seria Bento XVI até sua morte, independentemente do que fosse proclamado ou formalmente estabelecido. Esses grupos, que o amavam profun-

[voltar ao índice](#)

damente, foram a verdadeira razão pela qual o agora papa emérito se preocupou tanto em reafirmar que tomou a decisão livremente e que agora havia um novo sucessor de Pedro no trono.

Em 2019, em entrevista ao jornal *Corriere della Sera*, por exemplo, ele recordou a histórica luta da Igreja Católica para manter sua unidade, destacando que ela sempre esteve em perigo: “Foi assim em toda a sua história. Guerras, conflitos internos, ameaças de cismas. Mas sempre prevaleceu a consciência de que a Igreja é e deve ficar unida. A sua unidade sempre foi mais forte do que as lutas e as guerras internas”. Concluiu afirmando, enfaticamente: “O Papa é um só: Francisco”.

Emérito

A prudência de Bento XVI e o profundo respeito por seu sucessor — por mais diferentes que fossem e sem compartilhar da mesma proximidade que o unia a João Paulo II — o levaram a optar por

[voltar ao índice](#)

uma vida de reclusão, dentro do próprio Vaticano, de modo a não interferir de modo algum no novo pontificado. Assim, a partir do dia em que se tornou emérito, seus dias se assemelhavam aos de um monge. Conforme contou seu secretário pessoal, o arcebispo Georg Gänswein, por ocasião do aniversário de 95 anos, a rotina de Bento XVI no Mosteiro Mater Ecclesiae, seu lar final, não mudou muito desde que se mudou para lá, em 2013.

Fisicamente cada vez mais frágil, mas incrivelmente lúcido, o pontífice ancião começava o dia com a missa e as orações do breviário. Depois, o café da manhã, uma pausa, e então se dedicava às correspondências e às leituras da manhã. “De vez em quando, há espaço para a música, até a hora do almoço”, dizia Gänswein, completando que o período da tarde era dedicado a receber eventuais visitas e a recitação do terço durante uma pequena caminhada nos Jardins do Vaticano. À noite, a janta e uma oração antes de se deitar.

Foi assim, contemplativo, vivendo num quarto modesto até demais, que Bento XVI terminou seus

[voltar ao índice](#)

dias, livre de todo o poder que somente o líder máximo de 1,3 bilhão de católicos tem ao seu alcance. Serenamente, o genial Joseph Ratzinger, cuja formidável obra deve um dia render-lhe o título de Doutor da Igreja, completa sua Páscoa deixando em todos que o amam a certeza de que profético o lema escolhido para seu episcopado, décadas atrás, só pode ter sido revelado pelo próprio Deus, dada a precisão com que foi cumprido. O “cooperador da Verdade” finalmente descansa e se encontra com aquele que guiou seus quase cem anos de vida dedicados a fazer Cristo ser conhecido, amado e compreendido.

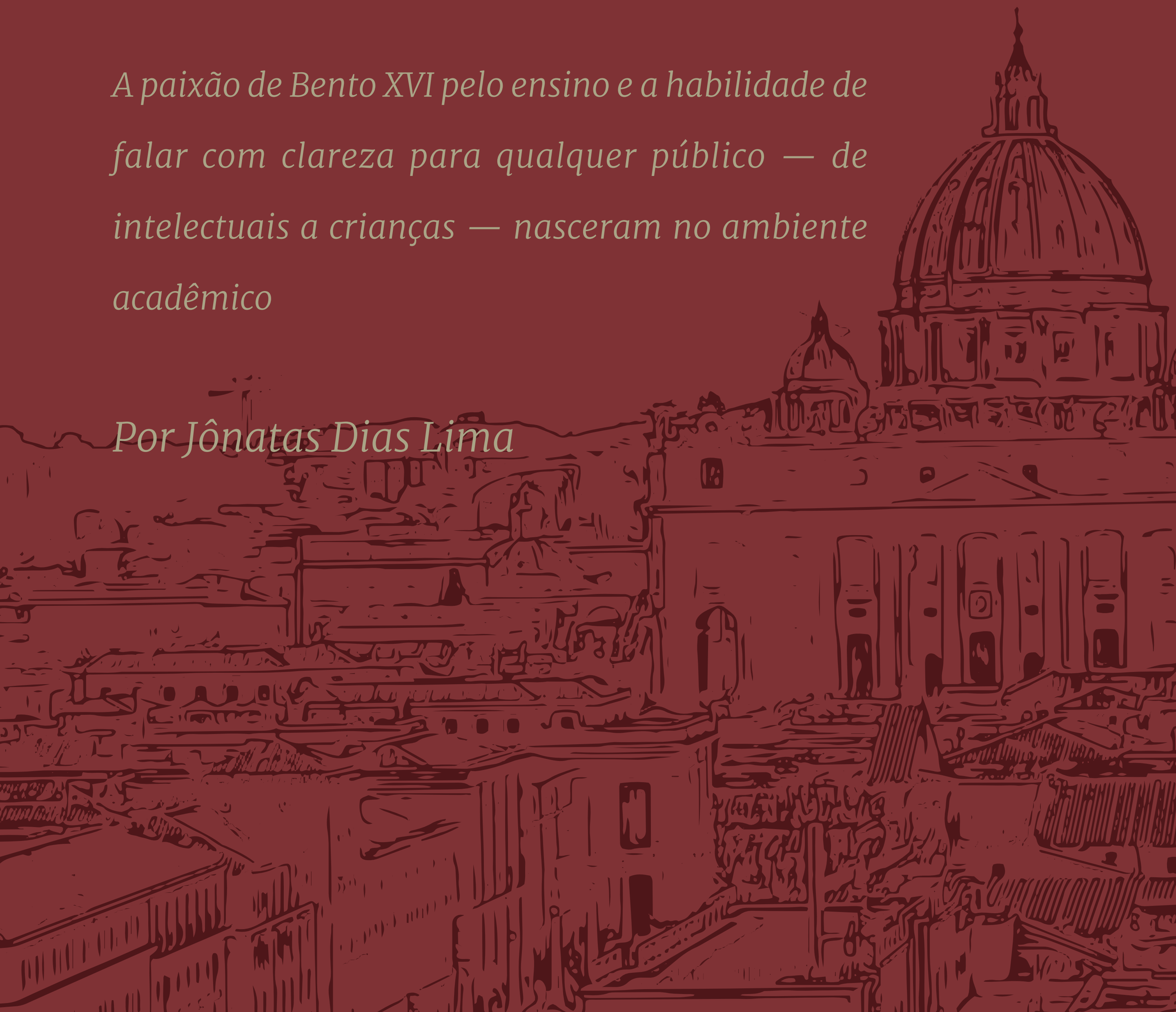
Originalmente publicado na Gazeta do Povo em 31 de dezembro de 2022

[voltar ao índice](#)

O papa professor

A paixão de Bento XVI pelo ensino e a habilidade de falar com clareza para qualquer público — de intelectuais a crianças — nasceram no ambiente acadêmico

Por Jônatas Dias Lima



Se João Paulo II ganhou seu lugar na memória dos fiéis ao transformar seu conhecimento filosófico em imagens cativantes e frases de efeito que retratavam todo o seu carisma, Bento XVI também será lembrado pela facilidade de se comunicar com públicos que vão desde cultos teólogos até crianças da catequese, sempre de modo claro e cordial, uma habilidade adquirida no exercício da profissão à qual dedicou vários anos de sua vida: a de professor.

Em 2011, durante a Jornada Mundial da Juventude de Madri, na Espanha, o papa relembrou seus primeiros passos como docente no encontro que teve com jovens professores universitários. Na ocasião, ele citou as inúmeras carências materiais para ministrar aulas em uma Alemanha recém-saída da guerra, mas afirmou que “o encanto de uma atividade apaixonante” era o que ajudava a superar qualquer obstáculo.

Para o padre José Lino Currás Nieto, historiador e escritor, a experiência de Ratzinger como docente foi decisiva para sua forma de pregar. “Seu vigor

[voltar ao índice](#)

intelectual tem a grande qualidade, pouco frequente, de esclarecer verdades difíceis e abstratas de forma serena e simples, sempre adaptada aos ouvintes”, diz. Para Currás Nieto, essa é uma habilidade que só se adquire depois de uma grande experiência acadêmica em aulas e debates.

Antes de Ratzinger se tornar arcebispo, no fim dos anos 70, alunos de cinco universidades alemãs tiveram a oportunidade de assistir a aulas de Teologia com o futuro papa. O então professor Ratzinger passou por instituições de ensino em Freising, Bonn, Münster, Tubinga e Ratisbona. A efervescência intelectual dos anos 60 proporcionou a ele o contato com colegas que viam o mundo e o homem de forma muito diferente, como o teólogo Hans Küng e outros influenciados pela tendência marxista que se espalhava pela Europa.

[voltar ao índice](#)

Crianças

Quando assumiu o pontificado, as complexas discussões que nunca deixou de ter com o mundo acadêmico não o impediram de se lançar no diálogo com as crianças. Em outubro de 2005, o papa recebeu no Vaticano cerca de 100 mil crianças que se preparavam para receber a primeira comunhão. O encontro se tornou uma conversa, na qual os catequizandos fizeram perguntas a Bento XVI sobre a importância da missa, da confissão e da eucaristia. O pontífice respondeu de forma espontânea a cada uma das dúvidas, usando palavras simples diante do enorme público de fiéis — um desafio que certamente muitos intelectuais evitariam. Bento XVI ainda repetiu a dose em maio de 2009.

A preocupação com a catequese apareceria novamente nos dois livros infantis que publicou. Os *Amigos de Jesus* chegou aos italianos em 2010, e conta a história dos 12 apóstolos e de São Paulo. Em 2011, o pontífice lançou *Maria, a mãe de Jesus*, uma pequena publicação de 48 páginas, na qual

[voltar ao índice](#)

ele apresenta alguns episódios da vida da Virgem Maria.

Doutrina

O Catecismo da Igreja Católica é outra prova da paixão de Ratzinger por ensinar. Enquanto cardeal, a pedido de João Paulo II, ele foi o líder da comissão que sintetizou em um livro toda a fé da Igreja. A obra levou seis anos para ficar pronta, mas hoje é a referência para a formação doutrinal em todo o mundo. Já como Bento XVI, e ciente de que o denso livro com 700 páginas poderia ser inacessível aos fiéis comuns, lançou no primeiro ano de pontificado o *Compêndio do catecismo*, uma versão resumida na forma de perguntas e respostas. Em 2011, disposto a adaptar ainda mais a linguagem, dessa vez para os jovens, lançou o *YouCat — Catecismo Jovem da Igreja Católica*.

[voltar ao índice](#)

Debates

Como cardeal, Joseph Ratzinger se envolveu em pelo menos dois debates com grandes intelectuais. Em 2000, 2 mil pessoas tiveram de acompanhar do lado de fora do Teatro Quirino, em Roma, o debate entre Ratzinger e o filósofo italiano ateu Paolo Flores d'Arcais.

O evento preencheu as 930 poltronas disponíveis no teatro; os demais ouviram o encontro por meio de um amplificador improvisado. Outro debate famoso de Ratzinger ocorreu em Munique, em 2004, com o filósofo alemão Jürgen Habermas. Ambos foram posteriormente transformados em livros.

“Embora, como disse, não seja necessário confessar-se antes de cada comunhão, é muito útil confessar-se com uma certa regularidade. É verdade, geralmente os nossos pecados são sempre os mesmos, mas fazemos limpeza das nossas

habitações, dos nossos quartos, pelo menos uma vez por semana, embora a sujeira seja sempre a mesma. Para viver na limpeza, para recomeçar; senão, talvez a sujeira não possa ser vista, mas se acumula. O mesmo vale para a alma, por mim mesmo, se não me confesso a alma permanece descuidada e, no fim, fico satisfeito comigo mesmo e não compreendo que devo me esforçar para ser melhor.”

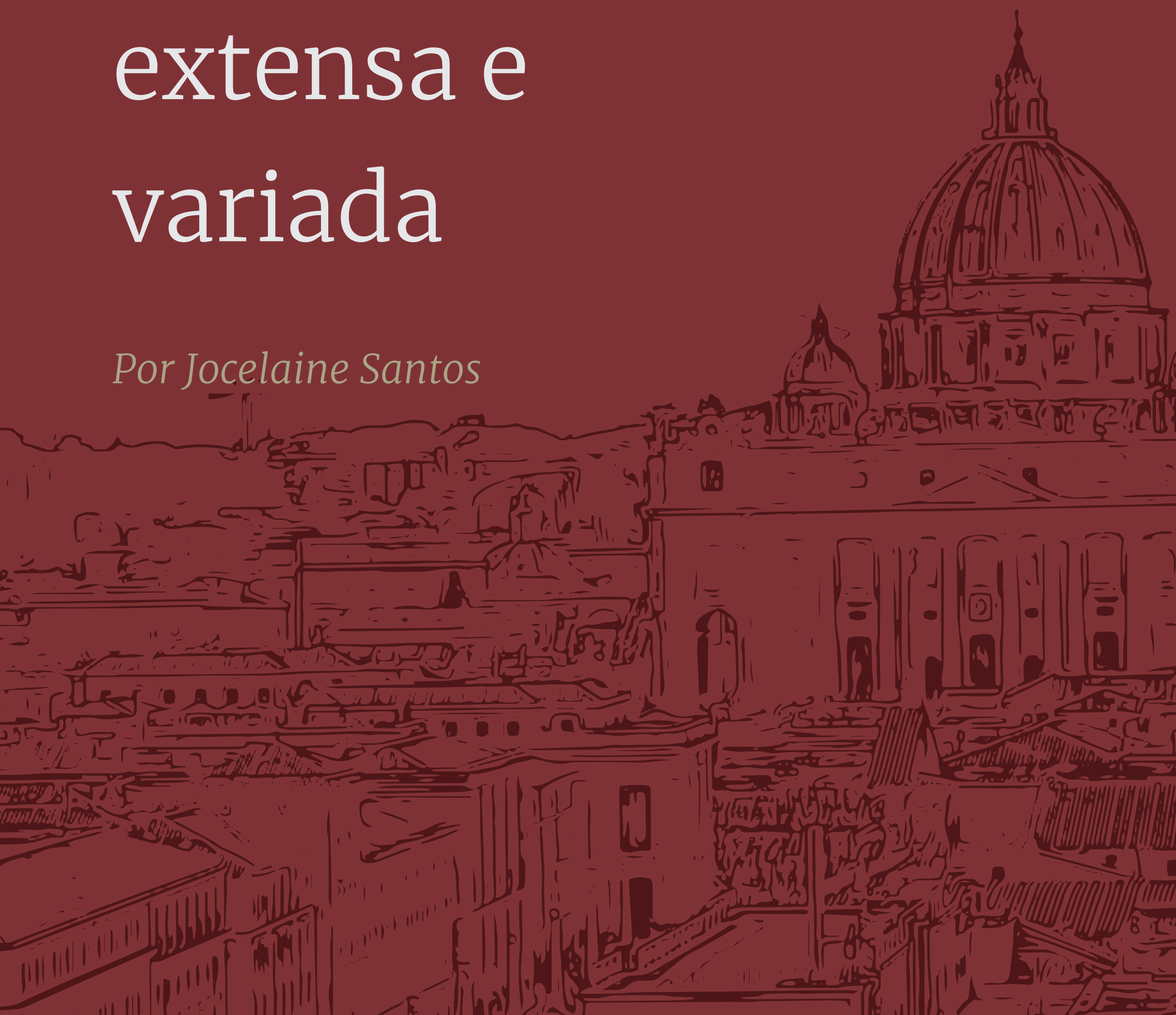
— No encontro com crianças da catequese, em 15 de outubro de 2005, respondendo a uma menina que perguntava se era preciso confessar-se antes de cada comunhão.

Originalmente publicado na Gazeta do Povo em 28 de fevereiro de 2013

[voltar ao índice](#)

Uma bibliografia extensa e variada

Por Jocelaine Santos



A intensa atividade intelectual de Joseph Ratzinger, antes e durante o pontificado, se reflete na publicação de inúmeros artigos, discursos e livros — nem todos traduzidos para o português — que transmitem uma visão espiritual da vida cristã, enaltecendo a importância de vivenciá-la em atos, gestos e palavras cotidianas.

Em geral, pode-se fazer uma distinção entre as obras do pensador Joseph Ratzinger e as do papa Bento XVI. Como cardeal, Ratzinger tenta esclarecer questões relacionadas à fé e ao seu impacto na vida das pessoas e da sociedade. No período, a obra apontada como uma das mais significativas é *Introdução ao Cristianismo: preleções ao símbolo católico*, série de conferências ministradas por Ratzinger durante um curso de verão em 1967, em Tübinga (Alemanha). “Segundo o teólogo Ratzinger — e, como papa, ele sempre reiterou esse aspecto —, o Cristianismo não é o encontro com uma ideia ou uma verdade abstrata ou conceitual, mas é o encontro com uma pessoa, que confere sentido à existência”, resume José André de Azevedo, dou-

[voltar ao índice](#)

tor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

A partir de 2005, quando assume o pontificado, as obras de Bento XVI adotam uma postura mais universal, tentando superar eventuais idiossincrasias acadêmicas. As três encíclicas, além das catequeses e alguns documentos, como a exortação *Verbum Domini*, sobre a palavra de Deus na vida e missão da Igreja, são exemplos representativos do período.

Outra forma de conhecer o pensamento de Bento XVI é se basear nos livros escritos sobre ele. O papa já foi retratado em diversas obras — algumas nem sempre condizentes com a realidade —, mas é o próprio Ratzinger quem oferece o retrato mais fiel de sua vida na autobiografia parcial *Lembranças da minha vida*, lançada no Brasil em 2006 e que cobre sua vida até 1977, quando se tornou arcebispo. As entrevistas ao jornalista Peter Seewald, apresentadas nos livros *O Sal da Terra* e *Luz do Mundo*, também são uma boa fonte para conhecer um pouco

[voltar ao índice](#)

mais da riqueza intelectual e da vida de Joseph Ratzinger.

Biblioteca Ratzinger

Introdução ao Cristianismo: Preleções sobre o Símbolo dos Apóstolos (Ed. Loyola)

O livro analisa o problema da fé e do ateísmo, discutindo a fé em Deus, na Santíssima Trindade e na Igreja Católica. É definido pela escritora australiana Tracey Rowland, autora de *Ratzinger's Faith*, como “o primeiro best-seller internacional” de Bento XVI.

Introdução ao Espírito da Liturgia (Paulinas Portugal)

Apresenta a centralidade da ação litúrgica como fonte da vida eclesial, manifesta nos sacramentos em geral, principalmente na eucaristia.

Sal da Terra (Imago) e Luz do mundo — O papa, a Igreja e os sinais dos tempos (Paulinas)

Dois livros-entrevista — o primeiro, ainda antes da eleição de Bento XVI; o segundo, já durante o pontificado — em que o papa responde a perguntas feitas pelo jornalista alemão Peter Seewald.

[voltar ao índice](#)

Lembranças da minha vida (Paulinas)

Autobiografia parcial, que cobre os primeiros 50 anos da vida de Ratzinger. Recomendada pelo historiador Alex Catharino como “uma fonte mais confiável do que qualquer texto escrito por terceiros” sobre a vida pessoal de Bento XVI.

Trilogia Jesus de Nazaré (Planeta)

Nos livros da série, Bento XVI conta a vida de Jesus a partir do Evangelho, desmontando muitas especulações sobre a figura de Cristo.

Encíclicas

Deus caritas est, *Spe salvi* e *Caritas in veritate* (várias editoras), também disponíveis no site do vaticano no endereço <http://bit.ly/enciclicas>

Outras obras

- *Via-Sacra no Coliseu — Meditações e orações de Bento XVI* (Paulinas)
- *Palavras do papa Bento XVI no Brasil* (Paulinas)
- *Os apóstolos e os primeiros discípulos de Cristo* (Planeta)
- *A segunda primavera* (Quadrante)

[voltar ao índice](#)

- *Breve introdução ao catecismo da Igreja Católica* (Santuário)
- *Os amigos de Jesus* (Thomas Nelson Brasil)
- *Natureza e missão da teologia* (Vozes)
- *Perguntas e respostas* (Pensamento)
- *Deus Existe?* (Planeta)
- *Dogma e anúncio* (Loyola)
- *E o Verbo se fez carne — reflexões sobre o mistério do Natal* (Ecclesiae)
- *São Paulo — catequeses paulinas* (Ecclesiae)
- *Dialética da secularização — sobre razão e religião* (Ideia e Letras)
- *Fé, verdade, tolerância* (Raimundo Lúlio)
- *Vocação para a comunhão* (Vozes)
- *A porta da fé* (Paulus)
- *No princípio Deus criou o céu e a terra* (Principia)
- *Os Padres da Igreja I: de Clemente Romano a Agostinho* (Ecclesiae)
- *Os Padres da Igreja II — de São Leão Magno a São Bernardo de Claraval* (Ecclesiae)
- *Abri as portas a Cristo — Meditações sobre João Paulo II* (Lucerna)
- *Os movimentos da Igreja* (Principia)
- *Paulo — Os seus colaboradores e as suas comunidades* (Paulus)
- *Pensamentos espirituais* (Lucerna)
- *Fé e futuro* (Principia)
- *A fé em crise?* (EPU)

[voltar ao índice](#)

Livros sobre Bento XVI

- *Joseph Ratzinger — Uma biografia* (Quadrante), de Pablo Blanco
- *Meu irmão, o papa* (Principia), de Georg Ratzinger
- *Chico e Bento: a vida de Bento XVI contada por um gato* (Principia), de Jeanne Perego. Livro infantil que conta o cotidiano de Bento XVI a partir de seu gato de estimação

Originalmente publicado na Gazeta do Povo em 28 de fevereiro de 2013

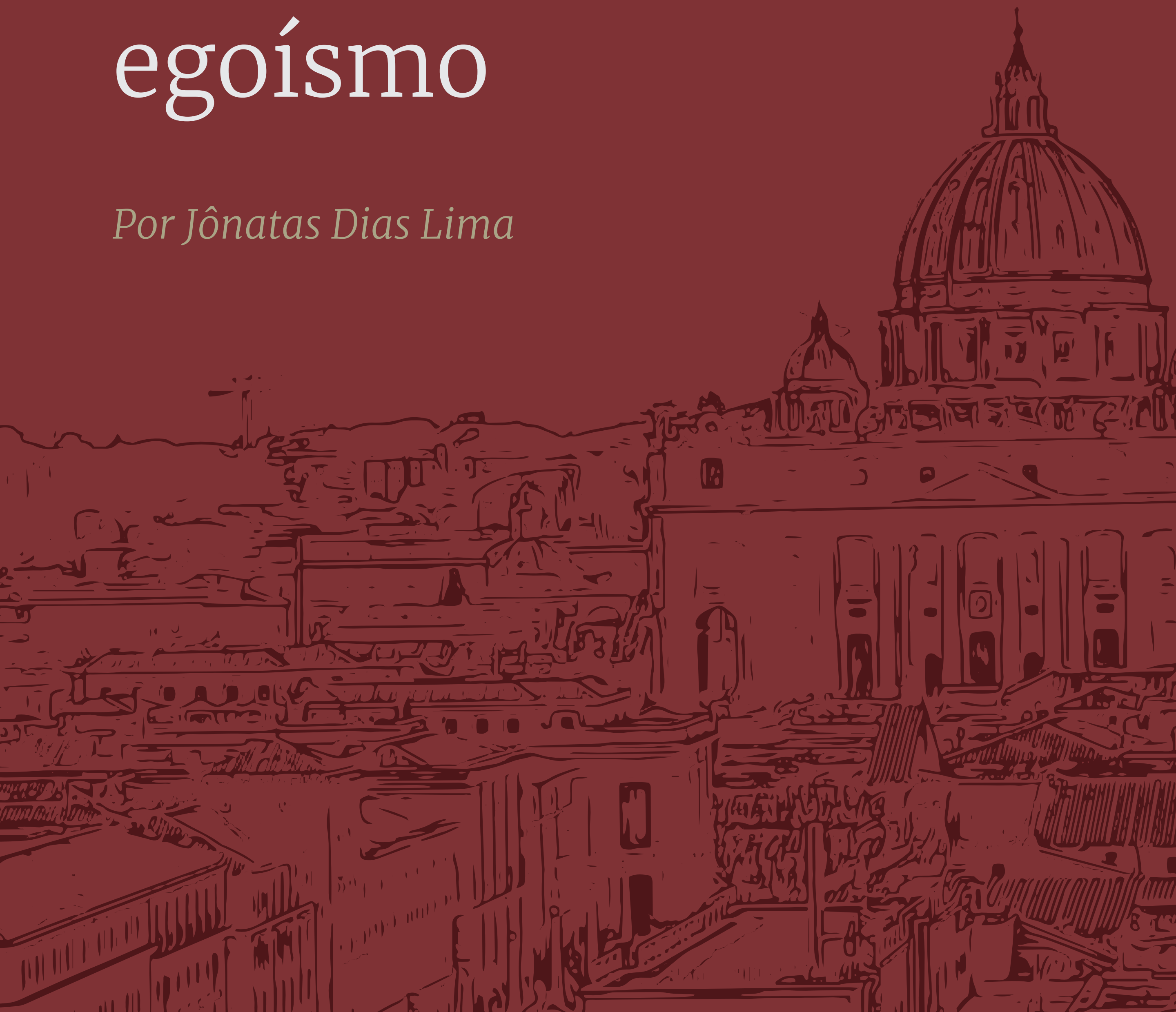
[voltar ao índice](#)

A vida e obra de Bento XVI (1927–2022)

GAZETA DO POVO

Nas encíclicas, o abandono do egoísmo

Por Jônatas Dias Lima



Libertar um homem preso em si mesmo e apontar o amor a Deus e aos demais como único meio de desenvolver integralmente o que é próprio da humanidade. Esse seria o objetivo de Bento XVI com as três encíclicas que publicou ao longo do pontificado. Para os especialistas ouvidos pela Gazeta do Povo, esse estímulo ao abandono do egoísmo estaria presente nas três cartas, ainda que com enfoques diferentes.

De acordo com o padre José Lino Currás Nieto, historiador e escritor, há uma clara correlação entre as encíclicas *Deus caritas est* (2005), *Spe salvi* (2007) e *Caritas in veritate* (2009) que remete à mensagem central do amor nos Evangelhos. “A ideia de fundo dessas encíclicas é que o homem fechado em si não se desenvolve como deveria e deixa de ser ele mesmo”, explica.

Para o professor Francisco Borba, coordenador do Núcleo de Fé e Cultura da PUC-SP, os três documentos se articulam com ramos que partem da primeira encíclica, *Deus caritas est*, carta que trata das várias formas de amor, desde o amor erótico

[voltar ao índice](#)

entre homem e mulher até a caridade prática nas obras sociais da Igreja.

O primeiro desses ramos se refere à cultura. “O papa enfrenta o problema contemporâneo da incapacidade de compreender o que é o amor, e a necessidade que o ser humano tem de se perceber amado por Deus”, diz Borba. Essa necessidade teria relação com a esperança cristã, abordada na *Spe salvi*, que não deixa de ser uma resposta ao desencanto com utopias socialistas e com o mito do progresso positivista e liberal. Nessa mesma encíclica, o pontífice adverte que “nenhuma estrutura positiva do mundo é possível nos lugares onde as almas se brutalizam”. Ao discorrer sobre a relação com o transcendente e a esperança, ele cita escritos de Platão, Lutero, Kant, Dostoievski e até Marx.

O segundo ramo, diz Borba, seria o político-social, no qual o amor é apresentado como fundamento de toda ação pelo bem comum, criando uma sociedade mais participativa e solidária. Esse aspecto é mais desenvolvido na terceira encíclica, *Caritas in veritate*, que resgata o conteúdo das encíclicas

[voltar ao índice](#)

sociais de outros papas, como a *Populorum progressio* (1967), de Paulo VI, e a *Sollicitudo rei socialis* (1988), de João Paulo II. Nesse documento, Bento XVI adverte para os riscos de uma caridade que pode cair no sentimentalismo se não tiver raízes na verdade, pois nesse caso “o amor torna-se um invólucro vazio, que se pode encher arbitrariamente”. Na última encíclica, o papa também afirma que a Igreja não pretende se envolver na política dos Estados, mas esclarece que a missão da Igreja a serviço da verdade é “irrenunciável”.

“Deus é o fundamento da esperança — não um deus qualquer, mas aquele Deus que possui um rosto humano e que nos amou até ao fim: cada indivíduo e a humanidade.”

— Trecho da encíclica *Spe salvi*, de 2007.

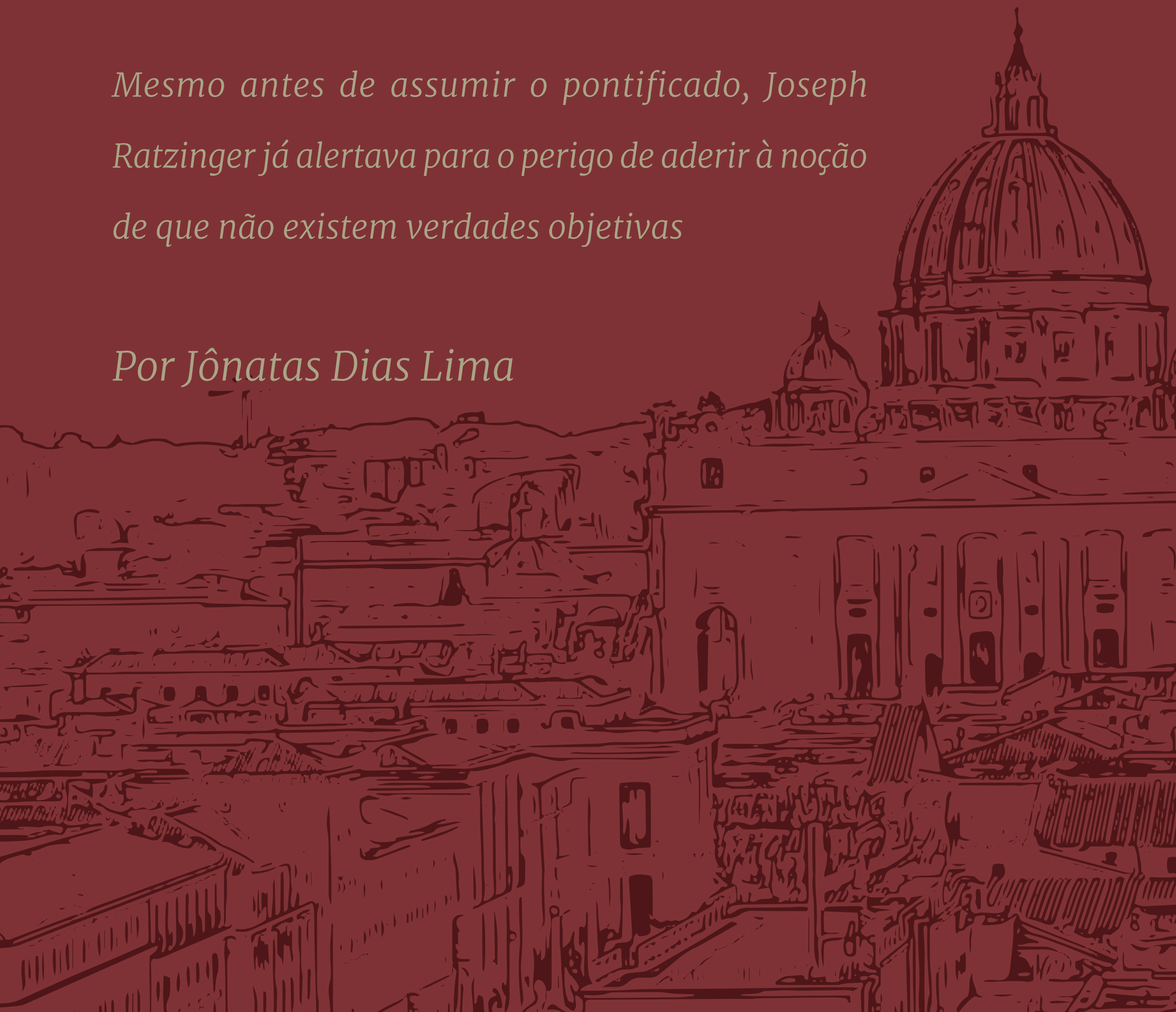
Originalmente publicado na Gazeta do Povo em 28 de fevereiro de 2013

[voltar ao índice](#)

Relativismo, o inimigo sutil

Mesmo antes de assumir o pontificado, Joseph Ratzinger já alertava para o perigo de aderir à noção de que não existem verdades objetivas

Por Jônatas Dias Lima



Bento XVI incluiu definitivamente nos debates eclesiais a crítica ao relativismo que domina a cultura ocidental. Poucos temas ganharam tanto destaque e apareceram com tanta frequência em discursos e homilias quanto a negação da existência de uma verdade objetiva, segundo a definição oferecida pelo próprio papa. Essa posição filosófica não teria causado grandes preocupações ao pontífice se, contraditoriamente, não viesse sendo imposta como uma verdade absoluta, na cultura e na política, afetando vários aspectos da realidade social, inclusive a própria fé, afirmam analistas.

Em abril de 2005, na missa que abriu o conclave da sucessão de João Paulo II, o então cardeal Ratzinger já havia dado pistas de qual deveria ser o maior desafio do futuro papa — tarefa que coube ao próprio Ratzinger. Naquela cerimônia, ele chamou de “ditadura do relativismo” a sistemática tentativa de calar os que se opõem à tese de que tudo se reduz a meras opiniões. A expressão se tornou um símbolo de sua luta e passou a ser reproduzida.

[voltar ao índice](#)

Embora à primeira vista o tema possa parecer distante de necessidades pastorais mais práticas, Bento XVI se esforçou para explicar a amplitude das consequências dessa forma de pensar. “Em nossa época parece que o relativismo se coloca paradoxalmente como ‘verdade’ que deve guiar o pensamento, as escolhas, os comportamentos”, disse o papa em uma de suas audiências gerais, em agosto de 2010.

Joel Pinheiro da Fonseca, mestre em Filosofia pela USP, explica que a exigência dessa subjetividade seria o motivo pelo qual a Igreja é atacada quando se pronuncia, por exemplo, sobre matrimônio ou sobre a própria fé em Jesus Cristo. “O relativismo admite que há opiniões conflitantes, mas nenhuma delas seria mais verdadeira que outra, e assim todo mundo estaria preso às suas verdades subjetivas”, descreve.

Segundo Pinheiro, essa tendência se tornou muito forte na intelectualidade europeia, migrou para a política e passou a ser usada como instrumento para evitar conflitos. No entanto, o que começou

[voltar ao índice](#)

como uma forma de propagar a tolerância passou a não tolerar aqueles que não aderem ao imperativo de que tudo é relativo.

Efeitos sociais

Para o filósofo e colunista da Gazeta do Povo Carlos Ramallete, os efeitos do relativismo não atingem apenas as religiões, mas o próprio valor dado à vida humana, já que ele também dependeria de pontos de vista e, assim, não haveria uma dignidade objetiva do homem. “Se tudo é forçosamente subjetivo, eu posso afirmar que você não tem direito à vida. É o caso do aborto, da eutanásia, dos genocídios”, afirma.

Luiz Felipe Pondé, colunista do jornal Folha de S. Paulo, acrescenta que os danos causados pelo relativismo à família e à própria cultura ocidental justificam a ênfase que Bento XVI deu ao tema, citando o que considera outro ponto frágil do relativismo. “Só os ocidentais são relativistas. Ne-

[voltar ao índice](#)

nhuma das outras culturas que assumimos como tão válidas quanto a nossa leva a sério essa coisa de relativismo”, diz.

O diálogo entre fé e razão nas viagens apostólicas

Embora o tema do relativismo tenha se destacado, estudiosos do pensamento de Bento XVI afirmam que o assunto está inserido em uma preocupação ainda mais ampla do pontífice: o diálogo entre fé e razão. “Para cada citação da ‘ditadura do relativismo’ foram feitas cerca de 80 referências ao tema da razão”, observa Francisco Borba, coordenador do Núcleo de Fé e Cultura da PUC-SP.

Nas 26 viagens internacionais que o papa fez, foram frequentes os encontros com representantes da intelectualidade, como o que ocorreu na Alemanha, em 2006, com estudantes e docentes da Universidade de Ratisbona, onde foi professor. Em 2009, na França, o papa falou a representantes do

[voltar ao índice](#)

mundo cultural, em Paris. Na ocasião, Bento XVI criticou tanto o “fanatismo fundamentalista” quanto o “arbítrio do relativismo”, e fez um apelo pela racionalidade na correta compreensão da Bíblia e do conceito de liberdade. Encontros semelhantes ocorreram na República Tcheca, em 2009, e na Espanha, em 2011.

Para Joel Pinheiro, o destaque dado à racionalidade é uma tradição do catolicismo frequentemente esquecida, e que o papa tentou resgatar. “Ele enfatizou a razão como instância de resolução de conflitos numa sociedade plural, e isso tem uma origem bem antiga que remonta a Santo Tomás de Aquino”, diz.

[voltar ao índice](#)

Bento XVI sobre o relativismo

“O relativismo contemporâneo mortifica a razão, porque de fato chega a afirmar que o ser humano nada pode conhecer com certeza, para além do campo científico positivo.”

— Audiência geral, em 5 de agosto de 2009.

“Ter uma fé clara, segundo o Credo da Igreja, muitas vezes é classificado como fundamentalismo. Enquanto o relativismo, isto é, deixar-se levar — aqui e além por qualquer vento de doutrina —, aparece como a única atitude à altura dos tempos hodiernos. Vai-se constituindo uma ditadura do relativismo que nada reconhece como definitivo e que deixa como última medida apenas o próprio eu e as suas vontades.”

— Trecho da homilia da missa de abertura do conclave, em 18 de abril de 2005.

“Quando se nega a possibilidade para todos de referir-se a uma verdade objetiva, o diálogo transforma-se impossível e a violência, declarada ou oculta, torna-se a regra dos relacionamentos humanos.”

— Audiência com os membros da Comissão Teológica Internacional, em 7 de dezembro de 2012.

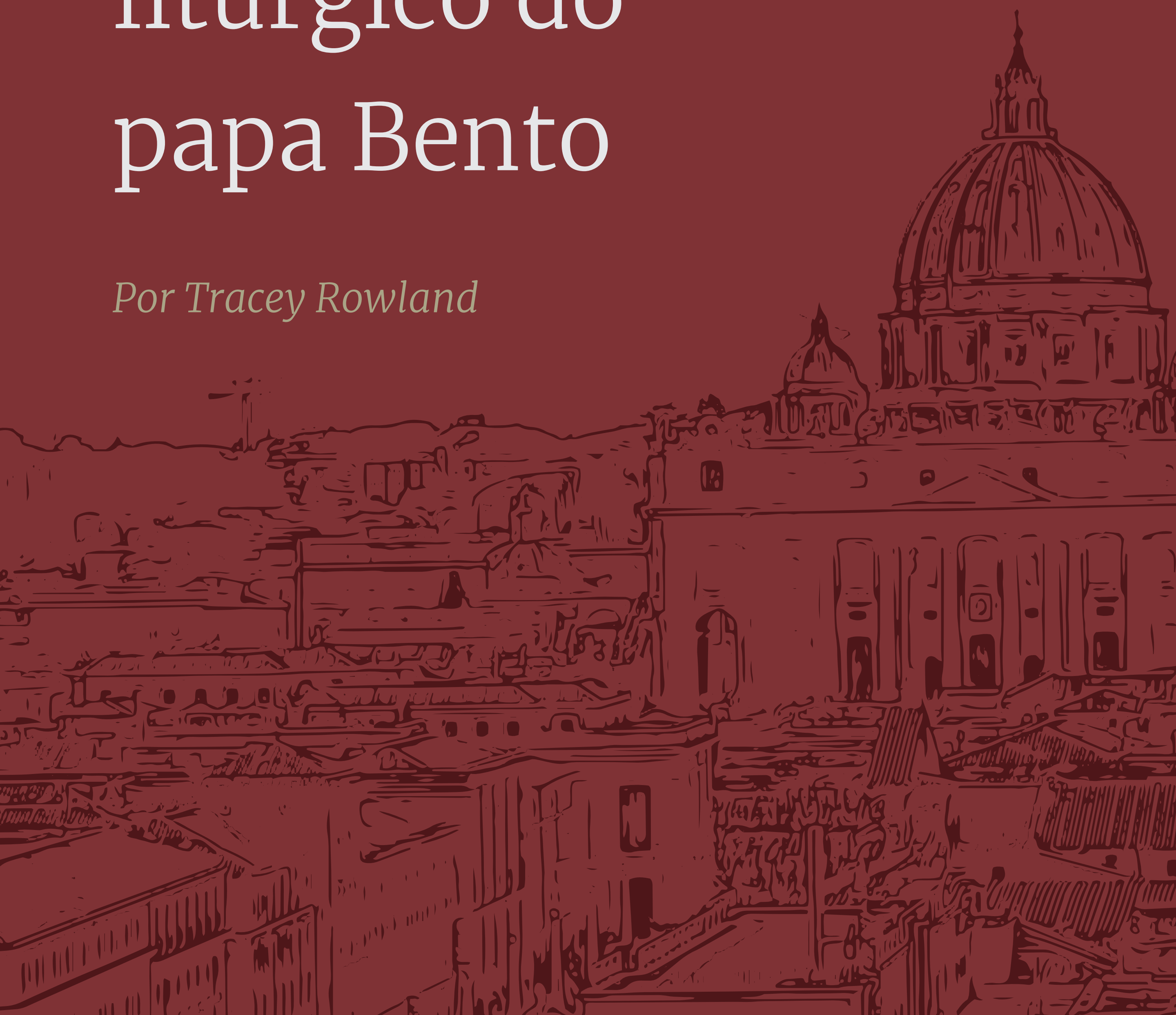
Originalmente publicado na Gazeta do Povo em 28 de fevereiro de 2013

[voltar ao índice](#)

ARTIGO

O legado litúrgico do papa Bento

Por Tracey Rowland



Um dos momentos mais dramáticos do pontificado de Bento XVI foi a divulgação do motu proprio *Summorum pontificum*, em 7 de julho de 2007, que eliminou as barreiras ao uso do missal de João XXIII, conhecido popularmente como rito tridentino.

Em seus escritos anteriores ao pontificado, Bento observou que os que preferiam o missal de João XXIII ao de Paulo VI vinham sendo tratados como párias, e que isso não era justo. Não havia nada teologicamente defeituoso no rito antigo. O missal de Paulo VI foi promulgado para ir ao encontro das necessidades pastorais do “homem moderno”, mas uma parcela significativa de católicos em todo o mundo ainda preferia a maior solenidade do rito antigo à maneira “caseira” como o rito novo era frequentemente celebrado. Bento se compadeceu desse grupo.

Em seu livro *Introdução ao Espírito da Liturgia*, Bento criticou a tendência de muitos padres a interpretar mal o rito novo, como se fosse um chamado à idiotização da liturgia. Ele comparou esse processo

[voltar ao índice](#)

à adoração ao bezerro de ouro por parte dos hebreus no Antigo Testamento, e afirmou que a noção de que Deus deveria ser rebaixado ao nível do povo era nada menos que apostasia.

Ao levantar as sanções ao rito antigo, o papa disse esperar que os dois ritos fossem “enriquecer-se mutuamente”. Para ele, a possibilidade de ter as leituras nas línguas nacionais, trazida pelo rito novo, é um desenvolvimento positivo, mas Bento também defende que o Gloria, o Credo, o Sanctus e o Agnus Dei latinos, bem como o Kyrie grego, devem ser parte do capital cultural de todo católico, independentemente de nacionalidade.

A busca por um único rito romano legítimo foi um desenvolvimento ocorrido após a Reforma protestante. Depois do Concílio de Trento, alguns ritos pré-tridentinos sobreviveram, como o carmelita e o dominicano. Ratzinger vê como legítima essa pluralidade. Seu princípio básico é o de que não há nada errado com a pluralidade de ritos, desde que cada rito possa ser ligado a um rito com origem apostólica. O que ele criticou enfaticamente é a

[voltar ao índice](#)

ideia de que um comitê de especialistas ou uma equipe litúrgica de paróquia possam criar seu próprio rito.

Bento também combateu a tendência de muitos liturgistas pós-conciliares de rebaixar o caráter de sacrifício da missa e priorizar a noção de uma refeição em comum. Isso era um movimento na direção de uma teologia sacramental protestante, e Ratzinger se colocou contra isso. Sua exortação apostólica *Sacramentum caritatis* lançou várias críticas contra práticas e ideias que separavam a Última Ceia do sacrifício do Calvário. Ele também insistiu que tudo que fosse relativo à Eucaristia fosse marcado pela beleza.

Bento será lembrado como um grande defensor da solenidade na liturgia, e um papa para quem os católicos não deviam ser ignorantes.

Tracey Rowland é pesquisadora do Instituto João Paulo II para o Matrimônio e a Família, em Melbourne (Austrália), e autora de *Ratzinger's Faith*

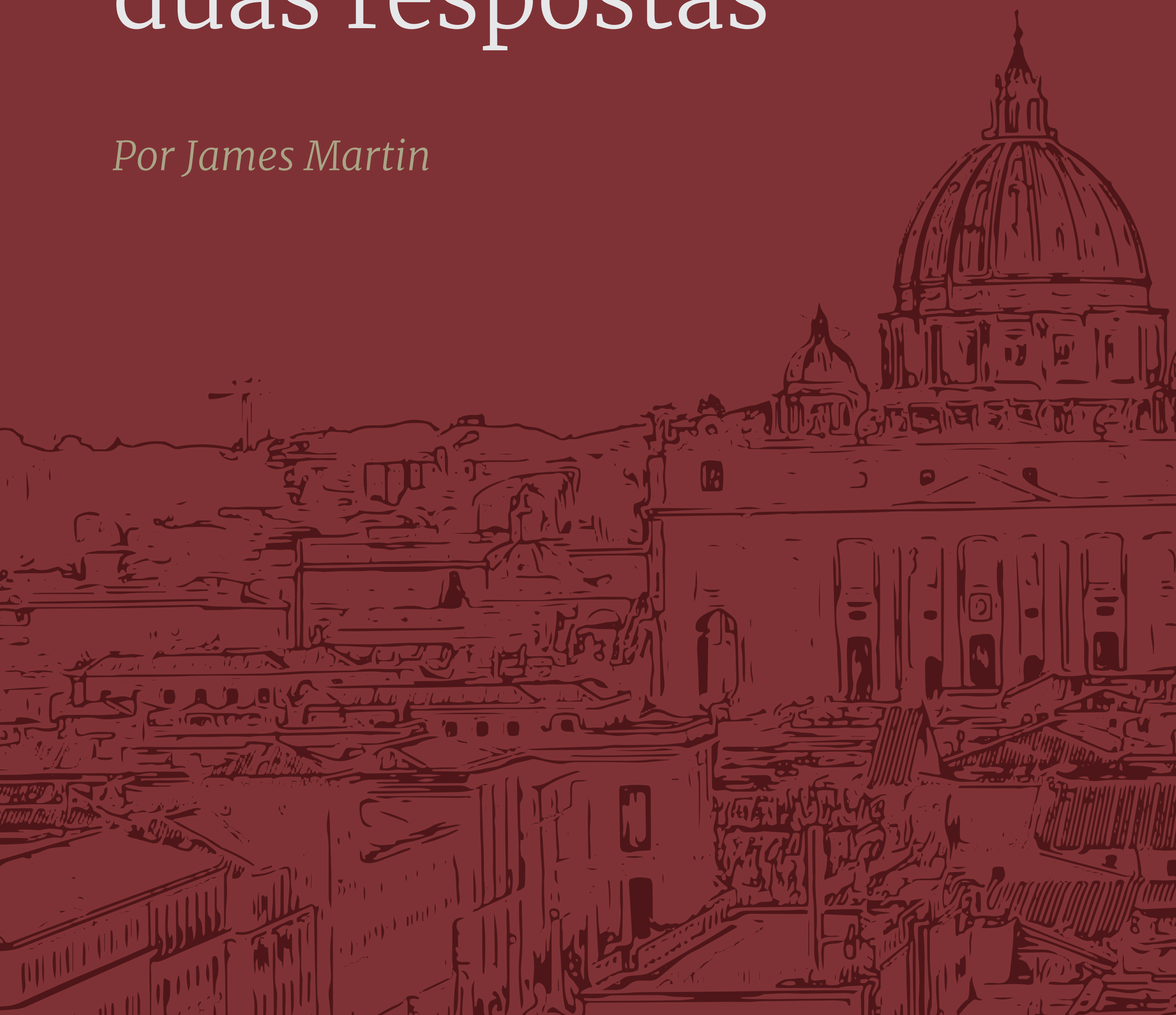
Originalmente publicado na Gazeta do Povo em 28 de fevereiro de 2013

[voltar ao índice](#)

ARTIGO

Um dilema, duas respostas

Por James Martin



É rara a pessoa que de livre e espontânea vontade abra mão de tanto poder. Nos anos finais do papado de João Paulo II, houve uma intensa especulação de que o mal de Parkinson provocaria sua aposentadoria, mas ele escolheu continuar. Em contraste, o papa Bento XVI disse que “as minhas forças, devido à idade avançada, já não são idôneas para exercer adequadamente” seu ministério.

Sua renúncia nos lembra que, diante de um dilema, dois católicos devotos podem tomar decisões divergentes. O discernimento espiritual é sempre pessoal. Deus fala conosco de uma forma feita sob medida para nossas circunstâncias, personalidades e histórias pessoais. Deus nos encontra lá onde nós estamos. Se João Paulo era uma estrela, Bento era um professor erudito. Ele será lembrado pelo fortalecimento da ortodoxia da Igreja, por encíclicas notáveis pela sua profundidade teológica, por uma recente revisão da tradução inglesa do Missal Romano, e — apesar de sua longa experiência na Cúria Romana — por uma série de problemas internos no Vaticano.

[voltar ao índice](#)

Os críticos enfatizarão a supervisão mais rígida das congregações religiosas femininas nos Estados Unidos, ou seus comentários controversos sobre o Islã. Os admiradores lembrarão seus encontros com vítimas de abusos sexuais, e a ação firme e disciplinadora contra o reverendo Marcial Maciel Degollado, um poderoso padre mexicano que abusou de garotos e teve alguns filhos.

Seu grande legado, no entanto, deverá ser uma obra em três volumes, *Jesus de Nazaré*, na qual ele aplicou décadas de estudo e oração à questão mais importante que um cristão pode perguntar: quem é Jesus? Ele lembrou os leitores que escrevia apenas na qualidade de teólogo e, de forma mais simples, como um crente.

Menos conhecidas fora dos círculos católicos, mas também significativas, são as mensagens do papa na oração do Angelus, um tipo de meditação que ele oferecia na Praça de São Pedro, frequentemente tratando das vidas dos santos.

[voltar ao índice](#)

Paradoxalmente, Bento XVI também será muito lembrado pela forma como deixou o papado. Ao se tornar o primeiro papa a renunciar desde 1415, ele demonstrou uma imensa liberdade espiritual, colocando o bem da instituição e de 1 bilhão de católicos à frente do poder e do status. Esse papa tremendamente tradicional — que, como prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, costumava ser criticado por exercer poder até demais — fez uma das coisas mais não tradicionais que se poderia imaginar.

O Evangelho diz que “o Filho do Homem veio não para ser servido, mas para servir”. Talvez a parte mais difícil do serviço seja colocar de lado os próprios planos e objetivos; certamente Bento sentiu que deixou parte do trabalho inacabada. Como gosta de dizer um velho jesuíta que conheço, “o Messias existe, e não é você”. Líderes podem aprender muito de um homem consciente de que ele não é indispensável, que ele não é Cristo. Ele é simplesmente Seu vigário, e apenas por algum tempo.

[voltar ao índice](#)

James Martin é sacerdote jesuíta e editor da revista católica norte-americana America

Tradução: Marcio Antonio Campos

Originalmente publicado na Gazeta do Povo em 28 de fevereiro de 2013

[voltar ao índice](#)

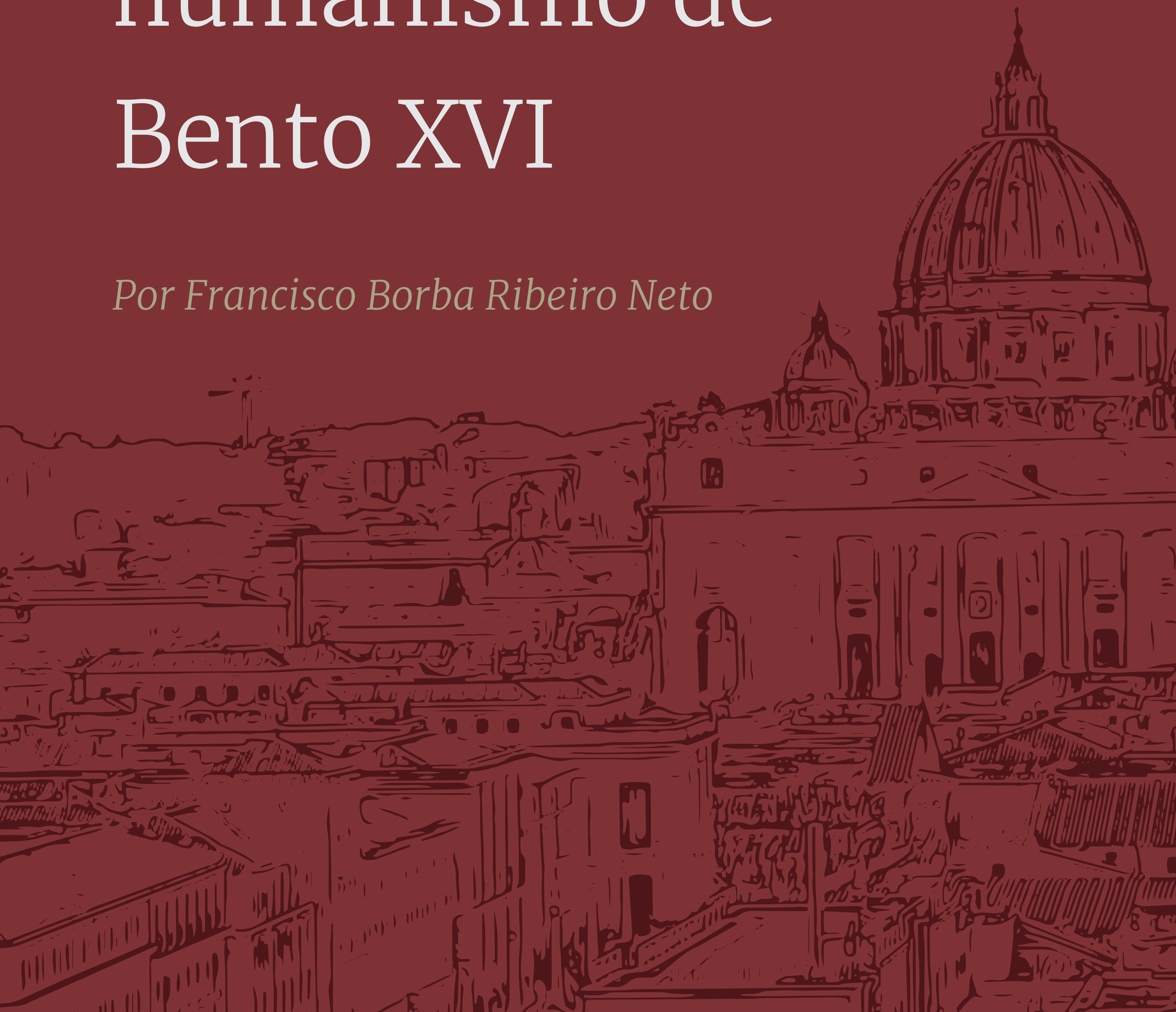
A vida e obra de Bento XVI (1927–2022)

GAZETA DO POVO

ARTIGO

O insuportável humanismo de Bento XVI

Por Francisco Borba Ribeiro Neto



Em 1944, Henri de Lubac, um dos intelectuais que, juntamente com o jovem Ratzinger, fundou a revista internacional *Communio*, escreveu *O drama do humanismo ateu*. Sua tese era de que o humanismo moderno, perdendo a referência em Deus e no seu amor, é incapaz de realizar a pessoa, levando à dramática desumanização da sociedade contemporânea. Além disso, o livro procurava valorizar as críticas que Feuerbach, Marx e Nietzsche, entre outros, faziam ao Cristianismo — mostrando que muitas delas eram válidas, porém se referiam a um Cristianismo descaracterizado, que perdera seu élan vital.

A trajetória do teólogo Ratzinger, papa Bento XVI, pode ser lida como um diálogo entre os fundamentos do Cristianismo e esse humanismo em crise, que ao longo da modernidade parece ir vencendo todas as batalhas que luta (direitos humanos, democracia, igualdade, liberdades individuais etc.), mas estar perdendo a guerra da construção de uma humanidade mais feliz. Mas peço atenção: as bases da postura de Ratzinger não são os “valores da tradição”, como muitos dizem, mas sim os “fun-

[voltar ao índice](#)

damentos da tradição”. Ele tem claro que os valores morais e sociais, privados de seu fundamento original, se tornam normas vazias que mais oprimem que valorizam a pessoa; por isso sua batalha não é pela defesa de valores esclerosados, mas por uma renovação a partir da crença de que na raiz de qualquer valor realmente humanizador está o reconhecimento do amor de Deus.

Então Bento XVI não foi um tradicionalista? Sem dúvida não; seu pretenso “moralismo” e “reacionarismo” é uma construção midiática, que não se sustenta em uma análise de seus escritos ou do conjunto de suas atitudes no papado. Um conservador? Se olharmos para o valor que dá à tradição da Igreja, sim. Mas quem ler *Caritas in veritate*, sua grande encíclica social, encontrará uma obra sintonizada com as demandas sociais da chamada “ala progressista” da Igreja. Dentro desse universo de caracterizações esquemáticas, talvez a melhor para ele seja a de “pós-moderno”.

[voltar ao índice](#)

As imagens mais frequentes que se tem das mudanças pelas quais a Igreja devia passar a partir do Concílio Vaticano II nasceram dos ideais da modernidade da metade do século 20, que já enfrentava a crise que gerou esse processo ambíguo e complexo que chamamos pós-modernidade. Bento XVI é o papa pós-moderno por excelência, que não procura criar uma Igreja que se molda aos valores da modernidade, mas que responde à destruição destes valores — realizada pelo próprio pensamento crítico moderno.

Em oposição aos pensadores ateus estudados por De Lubac, que construíram a grandeza e o drama do pensamento moderno, Bento XVI pode ser compreendido como um humanista religioso, que acredita que a ligação do ser humano com Deus é o vínculo de amor que é a condição necessária para encontrarmos nossa felicidade e realização. Porém, esse humanismo, nascido de um gesto de amor gratuito e de uma esperança sem limites, é quase insuportável para a cultura contemporânea. Corresponde de tal forma ao desejo mais profundo de cada um que chegamos a ter medo... Medo de

[voltar ao índice](#)

nos entregarmos a essa promessa e descobrirmos depois que se trata de mais uma ilusão.

Quem não quer receber um amor que não pede nada em troca? Quem não quer ver a si próprio e a todos os que ama livres da sombra da morte? Quem não gostaria de saber que todas as vítimas de Auschwitz encontraram a paz e a justiça, que o mal que se abateu sobre elas não foi a última palavra? De saber que o futuro dos jovens mortos no incêndio da boate de Santa Maria não terminou abruptamente no horror, mas, pelo contrário, apenas se abriu, naquela noite fatídica, para a eternidade? O que uma jovem pobre, carregando dentro de si uma gravidez indesejada, prefere: poder tirar o filho que carrega em seu ventre, admitindo a desgraça e/ou o erro do que lhe aconteceu, ou ter a certeza de um amor que lhe permitirá ter esse filho e se realizar na vida, juntamente com essa criança, transformando a tragédia em esperança? O que corresponde mais ao desejo do sábio: descobrir com sua razão que a realidade é uma rede de causas e efeitos em última análise aleatórios, ou des-

[voltar ao índice](#)

cobrir em cada fenômeno a beleza de um amor oculto, mas infinito?

Insuportável esperança, que parece negar a evidência de que nascemos marcados pela desgraça. Se acreditarmos nela, será muito mais doloroso voltarmos à desilusão da descrença, voltar a viver “sentados à sombra da morte”, inseguros em relação a cada afeto, sabendo que nenhum amor é para sempre! São essa esperança e a experiência de um amor impensável, mas realizado, que constroem o humanismo cristão proposto por Bento XVI. Ainda é cedo para uma avaliação adequada de seu papado, mas é inegável que ele, como poucos, recolocou o humanismo cristão na agenda cultural da sociedade contemporânea; que em seu papado o mistério de Deus se tornou provocação e escândalo para um mundo fechado em si mesmo.

Francisco Borba Ribeiro Neto é coordenador do Núcleo de Fé e Cultura da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

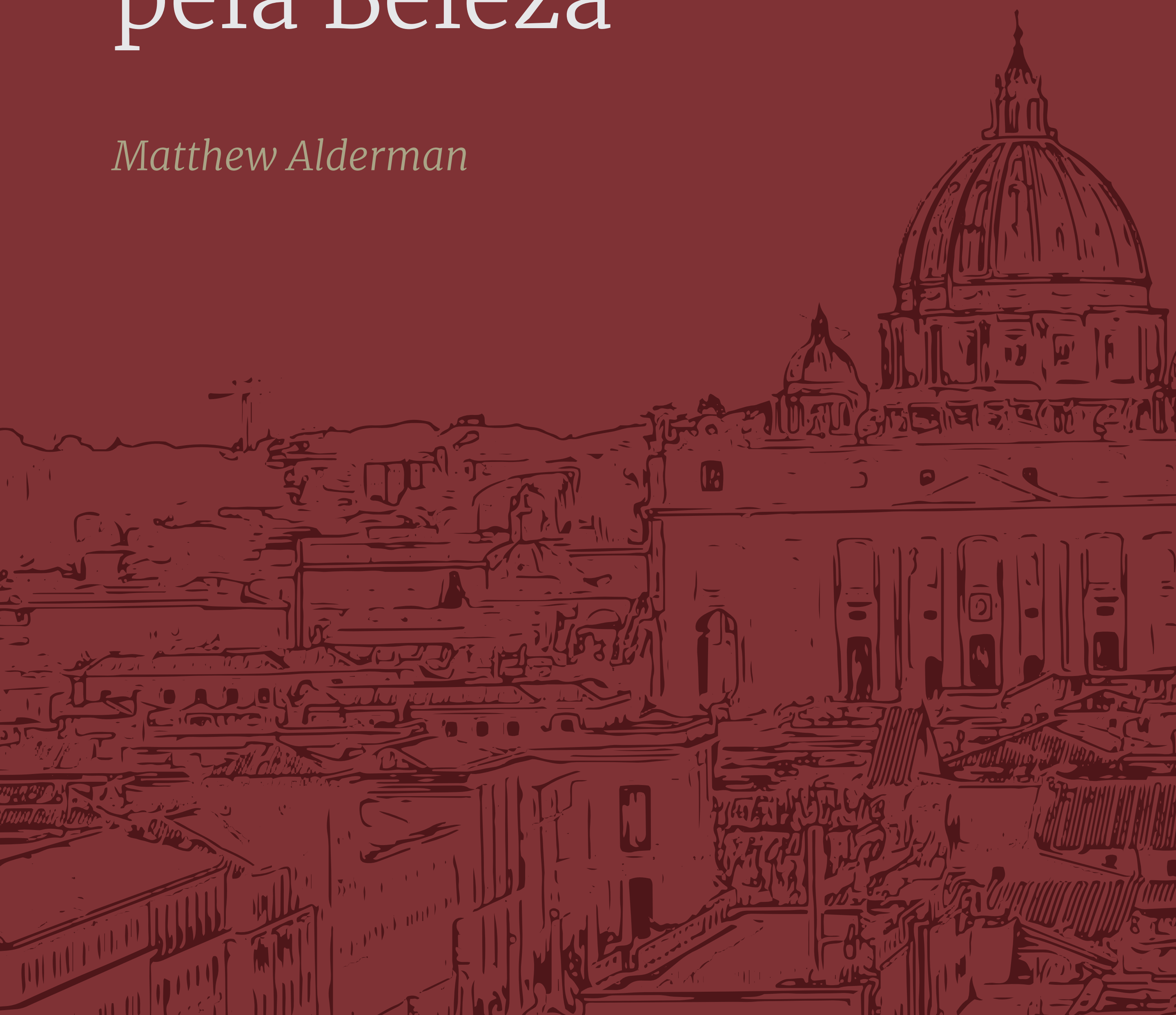
Originalmente publicado na Gazeta do Povo em 28 de fevereiro de 2013

[voltar ao índice](#)

ARTIGO

Transpassados pela Beleza

Matthew Alderman



Alguns anos atrás, enquanto estudava Arquitetura em Roma, nosso grupo foi levado para ver o maravilhoso *Êxtase de Santa Teresa*, de Bernini. Nele, o genial escultor barroco apresenta aquele momento místico em que a grande carmelita foi transpassada pela flecha ardente do amor divino. Também eu fui alvejado pela profundidade e beleza daquele trabalho. Agora, minha mente volta àquela tarde na semiescuridão de Santa Maria della Vittoria e à face de mármore leitoso da santa, levemente iluminada, depois que dois amigos chamaram minha atenção para uma mesma passagem nos escritos de Bento XVI.

Em *On the way to Jesus Christ*, o então cardeal Ratzinger descreve a verdade como ser “atingido pela flecha da beleza que fere o homem: ser tocado pela realidade, ‘pela presença pessoal do próprio Cristo’”, citando o teólogo grego Nicolau Cabasilas. O homem contemporâneo confunde a beleza com o glamour superficial. Quando os jornalistas comentam sobre a “teologia da beleza” do papa, enfatizam o exterior – os brocados de seda, os

[voltar ao índice](#)

sapatos vermelhos, as mitras – e a associam a uma exibição orgulhosa desses itens. Mas o papa é uma pessoa culta e reservada, um pianista amador que aprecia Mozart e gosta da companhia de gatos; a autopromoção pomposa não é de sua índole.

Para Bento, a visibilidade inerente ao cargo insinua uma realidade mais profunda. Para ele, a verdadeira beleza é algo que vai bem mais fundo, que penetra o coração humano. Essa beleza transcendente abrange a totalidade da verdade de Jesus Cristo, a glória e o sofrimento, a luz da ressurreição e a escuridão do Calvário. Como na visão de Santa Teresa, há tanto deleite quanto dor no toque da beleza à medida que ela nos abre para Deus.

Bento XVI também escreveu que “a única defesa realmente efetiva do Cristianismo se resume em dois argumentos: os santos que a Igreja produziu e a arte que floresceu em seu seio”. Em uma era que perdeu a arte da argumentação filosófica, essa experiência da beleza no testemunho de sacrifício da vida cristã, e na beleza física da arte e da arqui-

[voltar ao índice](#)

tetura nos permite vencer os muros defensivos que erguemos dentro de nós mesmos contra Deus. O testemunho de beleza de Bento é, portanto, um ato evangélico, de pregação e apostolado. A beleza nunca se encerra em si mesma.

Em um nível mais concreto, o amor do papa pela arte coloca a beleza em um contexto histórico, passado e presente. Os elaborados rituais papais e outros atos que podem parecer arcaicos ao não católico, e até para muitos católicos, são tentativas de nos colocar em continuidade com dois milênios de pintura, escultura e música que buscam nos levar a Cristo. Eles representam não a autoglorificação, mas um desejo de união de Bento com seu cargo, de comunhão com seus predecessores. Ele não quer que ninguém desvie para o homem Joseph Ratzinger a atenção devida a Cristo. Por isso, em muitas missas papais, ele coloca no altar um enorme crucifixo: assim, ele e os fiéis podem olhar para o mesmo Cristo e ser transpassados pelo mesmo raio de beleza que emana dEle.

[voltar ao índice](#)

Como Teresa, Bento XVI foi atingido pelo amor e pela beleza. Sua renúncia nos mostra que seu coração também foi alvejado por muitas outras flechas: tristeza, desunião, o fardo do papado e o peso da idade. Também há beleza em aceitar esse sofrimento, e rezemos por ele, agora que terá um merecido descanso.

Matthew Alderman é arquiteto especialista em arquitetura sacra, artista, ilustrador e colaborador do site *The New Liturgical Movement*

[voltar ao índice](#)

A vida e obra de Bento XVI (1927–2022)

GAZETA DO POVO

Expediente

Redação

Marcio Antonio Campos

Jônatas Dias Lima

Jocelaine Santos

Revisão

Angelica Favretto

Jones Rossi

Projeto Gráfico

Guilherme Storck

Foto de capa

Alessia Pierdomenico/Shutterstock

[voltar ao índice](#)

GAZETA DO POVO

www.gazetadopovo.com.br

